

## ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA: uma experiência de estágio.

Evellin Bianca Souza de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Sabe – se que o estágio é um momento de grande importância para a formação do sujeito, durante este período o estudante aprende como desenvolver a função para qual tem estudado, no caso das licenciaturas, o estágio é o momento no qual o aluno-estagiário passa a entender o que é ser um professor pesquisador e reflexivo, sendo capaz de analisar a sala de aula, observar sua atuação e promover melhoras através de sua prática como docente. Tendo em vista que o estagiário é um pesquisador, este trabalho tem por objetivo expor uma experiência de estágio em uma escola pública inclusiva de Teixeira de Freitas - BA. Durante um bimestre, foram dadas aulas de língua inglesa para uma turma com estudantes surdos e ouvintes, diante da dificuldade encontrada em ministrar as aulas que envolvessem os dois grupos de alunos, foram feitas algumas pesquisas sobre a surdez, a língua de sinais e materiais que pudessem auxiliar o professor no ensino de língua inglesa, buscando contemplar tanto os alunos ouvintes quanto os surdos. Neste trabalho veremos a importância do estágio para formação do professor; A situação do ensino de língua inglesa em um contexto de escola pública inclusiva e por último será apresentada a experiência de estágio.

**Palavras-Chave:** Estágio; Pesquisador; Experiência; Estudante Surdo.

### 1. INTRODUÇÃO

A concepção de *Estágio* atravessa perspectivas diferentes, enquanto muitos estudantes acreditam que esta disciplina é a “parte prática” do seu curso de licenciatura, estudiosos da década passada já argumentavam a necessidade de ver o estágio como uma atividade teórica que permite o estudante conhecer a realidade. Todavia, estudos recentes trazem uma nova perspectiva sobre estágio, ele não é só a parte prática do curso, a imitação de modelos, ou apenas a aproximação com a realidade, estágio passa a ser sinônimo de pesquisa. (LUCENA & PIMENTA 2004)

Assimilando o estágio como pesquisa pode – se modificar a ideia de que existe professor e professor pesquisador, Oliveri et al (2010) fazem este apontamento em seu artigo ao trazerem uma análise da Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior (CNE/CP nº 1 de 18 de fevereiro de 2002), formulada por André, 2002, tal proposta inclui a pesquisa como elemento essencial na formação profissional do professor.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Letras Inglês no sétimo período pela Universidade do Estado da Bahia- Campus X. Bolsista de Iniciação Científica FAPESB.

Nesse sentido, pesquisar e refletir passam a ser sinônimos, logo, o professor pesquisador é um professor reflexivo (PIMENTA & GALDIN, *apud* LUCENA & LIMA 2004), capaz de observar e analisar a sua prática em sala de aula, ocasionando mudanças e/ou permanências quando necessário.

Lucena e Lima (2004) ao discutir o professor reflexivo trazem o postulado de Dewey sobre a experiência e a reflexão na experiência; o conhecimento tácito por Luria e Polanyi e a epistemologia prática de Schön. Nesse sentido, as autoras postulam:

... na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento por meio de reflexão, análise e problematização dessa prática e a consideração do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato.” (LUCENA & LIMA, 2004, p. 48).

Diante disso, compreende-se que o ato de estagiar vai além da imitação de modelos ou de uma visão dicotomizada de teoria e prática, o estágio proporciona ao estagiário tornar-se reflexivo, crítico, problematizar e levantar soluções aos problemas encontrados em sala de aula, vivenciando assim a práxis pedagógica.

Observando que reflexão e problematização fazem parte do processo de estágio, depois de estagiar um bimestre em uma escola pública para alunos do sétimo ano, senti-me embaraçada ao perceber que na sala que eu regia havia dois alunos surdos e eu, sem conhecimento de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) deveria ensinar a língua inglesa (doravante LI) para eles. Este fato instigou-me de tal forma que no presente artigo relatarei a experiência de dar aulas de LI em uma escola pública inclusiva em Teixeira de Freitas.

## 2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Este trabalho justifica-se pela dificuldade que se viu em ensinar língua inglesa para estudantes surdos em uma escola pública de ensino fundamental II.

A necessidade de se desenvolver atividades que contemplassem tanto os surdos quanto os ouvintes e a busca pela interação entre ambos foi alvo de pesquisas e análises durante este estágio.

As análises apresentadas aqui podem ser de grande relevância para professores e estagiários que trabalham em escolas inclusivas.

## 3. DISCUSSÃO TEÓRICA

Na introdução desta pesquisa apresentamos o que é estágio e falamos de sua função social e reflexiva; vendo – a não apenas como imitação de modelos ou momento prático da graduação, mas como um momento de pesquisa. Aqui, iremos expor alguns estudiosos que pesquisam a surdez e o ensino de língua inglesa para este grupo social.

### 3.1 LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Ao longo da história, percebe-se que a sociedade ouvinte viu o surdo de várias formas (SILVA, 2005) na maioria das vezes estava relacionada ao preconceito e minimização do ser humano por ser surdo. Ao longo dos anos o interesse em educar os surdos surge, quando a ideia de educação para a comunidade surda começa a ter força destacam-se duas perspectivas de ensino: o uso de sinais e o oralismo. A primeira se caracteriza pelo uso de sinais para que haja comunicação e a segunda tem foco na leitura labial dos falantes orais que deve ser feita pelo surdo (SILVA, 2005).

Embora haja surdos oralizados, a Língua de Sinais tem maior destaque sendo considerada uma das maiores produções cultural dos surdos (PERLIN, 2006). Desta forma, como a língua oficial dos brasileiros é o português, a LIBRAS é a língua dos surdos, ela possui sua própria gramática e através dela os surdos podem expressar conceitos abstratos (GESSER, 2009).

Mesmo possuindo uma língua, os surdos muitas vezes são chamados de mudos, surdos-mudos e deficientes auditivos tais denominações ressoam preconceito, pois o surdo não é mudo, pois, como apresentado, eles possuem sua própria língua. Quando ele é chamado de deficiente lhes soa pejorativo, pois em muitos casos, por se pensar que o surdo é um deficiente as pessoas os tratam como se tivessem limitações cognitivas (GESSER, 2009).

Diante disso, vemos que a pessoa surda possui sua cultura, é capaz de se comunicar normalmente com pessoas que conhecem sua língua e podem obter todo tipo de conhecimento. Logo, elas podem aprender outras línguas além da LIBRAS.

### 3.2 O SURDO NA ESCOLA REGULAR E O ENSINO DE LI

Uma dos grandes debates existentes é se o surdo deve estar em escolas especiais ou devem participar da educação regular. É possível perceber que atualmente vivenciamos mudanças políticas, econômicas e socioculturais que refletem no âmbito educacional, deste modo, as abordagens de ensino para os estudantes surdos também vem se modificando (LIMA, 2010), enxergamos tais mudanças quando lemos o Decreto nº 5.626/05, regulamenta

a Lei nº 10.436/02 e o artigo 18 da Lei nº 10.098/00 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e sua inclusão nas escolas, assim como toda a estrutura curricular nas grades de nível médio e superior, o estudante surdo tem direito de frequentar a escola regular, tendo direito à intérprete em sala; da mesma forma, as instituições de ensino superior devem ter a disciplina de LIBRAS em seus componentes curriculares.

A lei já vigora, porém qual é a realidade que encontramos nas escolas públicas do Brasil? Será que realmente as escolas têm contado com intérpretes? E o ensino de língua inglesa? O Decreto nº 5.626/05 em seu artigo 17 declara que “a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.”, outro questionamento se desenrola: Os intérpretes que tem atuado possuem graduação na área ou apenas sabem falar LIBRAS? O decreto citado acima afirma que o intérprete deve ter formação em Libras-Língua portuguesa, porém, como o intérprete que é graduado na língua portuguesa vai atuar nas aulas de língua inglesa, se é necessário que o próprio professor tenha uma graduação específica? Carvalho (2013) postula:

Somado a isso, o ensino da Língua Portuguesa, como está disposto no capítulo IV, artigo 15 deste mesmo decreto, é para o surdo sua segunda língua (L2), enquanto que a Língua Inglesa é para o surdo o aprendizado de uma terceira língua (L3). Isso significa que para o aluno surdo, usuário da Libras, o fato de aprender o português já se torna um desafio porque na verdade a sua língua materna, mesmo nascido num país de língua portuguesa, é a Libras (L1). (p.02)

Logo se observa que independente do campo do conhecimento, existe algumas dificuldades quando se fala no ensino para estudantes surdos, essas dificuldades estão atreladas, muitas vezes, a falta de preparação da escola, bem como, a falta de atenção do governo, que pode ser observada pela pouca quantidade de cursos de graduação em LIBRAS, tendo em vista que o componente curricular LIBRAS nas licenciaturas não ensina o aluno a falar LIBRAS, e sim conhecer sobre a LIBRAS e sobre o estudante surdo, o componente curricular já é um avanço, uma conquista da luta pelos direitos dos surdos, porém muitas coisas ainda deve ser feita, para que se garanta uma educação de qualidade para esse grupo. Enquanto isso, os professores junto à escola e o intérprete devem “segurar as pontas” de forma a garantir um bom ensino aos estudantes surdos e ouvintes.

#### 4.0 METODOLOGIA

A escola na qual o estágio de regência foi realizado se encontra próximo ao centro da cidade de Teixeira de Freitas é uma escola média e bem organizada. A sala que regi possui 38 alunos divididos entre meninas e meninos, desses 38 alunos dois eram surdos. Trabalhei na escola durante uma unidade (três meses) e lá obtive uma experiência diferente: dar aula em escola pública numa escola inclusiva. Logo no início, achei interessante ter alunos surdos na sala, porém depois, percebi que os 36 alunos ouvintes tomavam todo meu tempo, toda minha atenção era dada a eles e, em certos momentos, a professora regente que me acompanhava me lembrava de incluir esses dois estudantes na aula. Na escola trabalham quatro intérpretes, e muitas vezes como a turma era agitada e a intérprete não possuía tanto conhecimento da língua inglesa, eu explicava o assunto na sala em voz alta e depois repetia novamente para a intérprete, outra situação complicada é que nem sempre a intérprete estava na sala de aula. Como aluna-professora fiquei muito insegura, queria entender se todos meus alunos compreendiam os assuntos trabalhados. Em relação ao livro didático, nas primeiras reuniões com a professora regente achamos melhor não usá-lo frequentemente, pois era completamente diferente do contexto dos alunos, tendo em vista que nosso objetivo é contextualizar o ensino de língua inglesa. Então como envolver os alunos surdos e ouvintes na aula de inglês? Sobre este questionamento José (2011) declara:

O professor não pode esperar que o aluno passe a gostar de estudar uma língua estrangeira de uma hora para outra, sem motivo algum, ele deve fazer e ser esse diferencial, para isso, ele deve está sempre atualizado e preparado para poder lidar com os diferentes tipos de alunos, os quais ele transmitirá a disciplina. O que pode ajudar ou prejudicar neste momento é o grau de afetividade. (p.190)

Rosa et al (2008) corrobora com essa ideia quando postula que uma das formas de ensinar a língua inglesa está no uso de imagem para que haja associação entre a língua materna e a língua alvo. Esse tipo de atividade pode contemplar tanto alunos surdos quanto ouvintes, diante disto, busquei expor os assuntos em sala de aula com o auxílio de datas show e aplicar atividades que continham imagens/figuras.

#### 4.1 EXPOSIÇÃO DAS AULAS

Durante encontros com a professora regente, foi proposto por ela que trabalhássemos neste bimestre o *Simple Past*, *Imperative Form* e, por estarmos em momento de Copa do

Mundo no Brasil o *World Cup Vocabulary*, sendo que, as aulas sobre a copa deveriam ser mescladas com os outros assuntos, dando o total de 25 aulas de língua inglesa no bimestre.

Aqui irei apresentar duas aulas que chamou minha atenção porque através delas pude promover a interação entre alunos surdos e ouvintes.

A iniciativa de ensinar inglês através de imagens se deu quando começamos a trabalhar o assunto *World Cup Vocabulary na aula do dia 28/05/2014*. Nesta aula foram introduzidos vocabulários referentes ao futebol. A introdução foi feita através de slides nos quais, as palavras em língua inglesa foram apresentadas aos alunos com a figura que as representava ao lado, de forma que todos os estudantes pudessem fazer associações. Os alunos demonstraram compreender o assunto que apresentamos a eles através dos slides, segue abaixo:

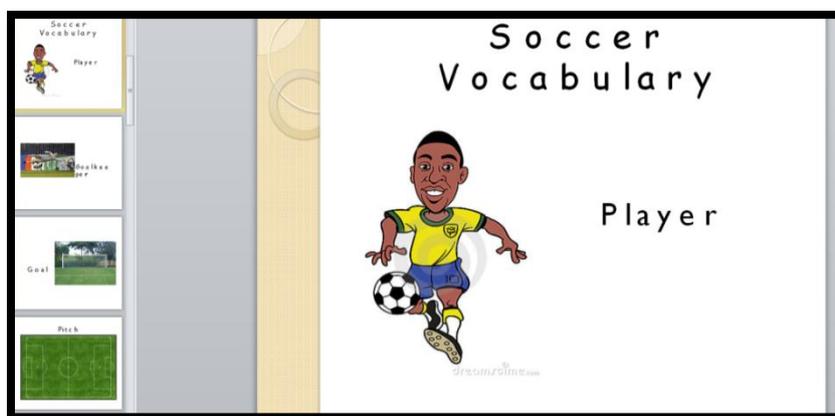


Figura I: Aula dia 28/05/2014 Slides sobre Soccer Vocabulary.

Depois de passados todos os slides, eu e a professora regente pedimos para que os alunos surdos ensinassem as mesmas palavras, porém em LIBRAS para nós e para a sala. Foi uma aula de bastante interação onde foi perceptível o interesse dos alunos através da resposta que eles deram a essa dinâmica. Houve a valorização da língua de sinais e após a apresentação dos alunos surdos batemos palmas em LIBRAS para eles.

A partir deste momento tive mais segurança em dar aula para os alunos surdos e ouvintes. As atividades que foram passadas posteriormente estavam acompanhadas de imagens para que todos os alunos pudessem entender o que se estava sendo proposto, vejamos uma dessas atividades:

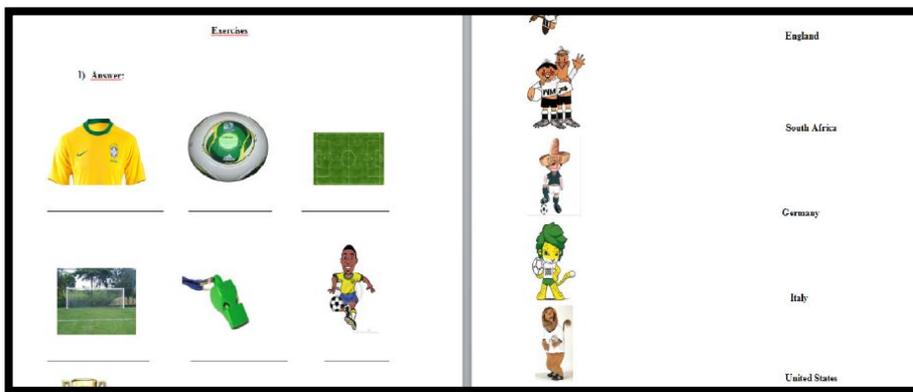


Figura II: Aula dia 28/05. Atividade sobre World Cup Vocabulary

Outra aula que chamou bastante atenção, foi quando trabalhamos com *Imperative Form*, buscamos aproximar bastante à forma imperativa com a sala de aula. Novamente fizemos uso de slides para a maior compreensão dos estudantes. Usamos frases no imperativo que tinham haver com a realidade dos alunos como: *Don't talk during the class*; *Don't use your cell phone in classroom*; *Don't Smoking*; *Clean your bedroom*. Também nesta atividade houve interação entre os estudantes e todos demonstraram aprender. Segue alguns slides usados nesta aula:

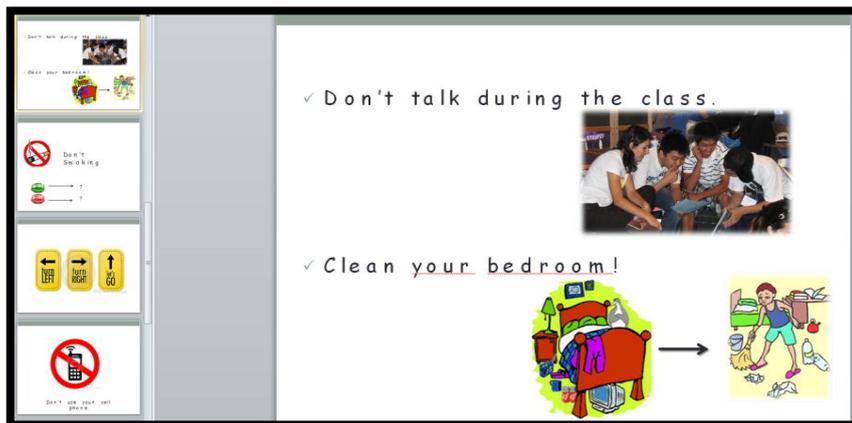


Figura III: Aula dia 18/06/14 Slides sobre Imperative form.

Ao final da apresentação dos slides fizemos um *quiz* sobre o que se deve e o que não se deve fazer em sala e todos participaram.

As atividades seguiram o mesmo modelo, usando a imagem para a associação:

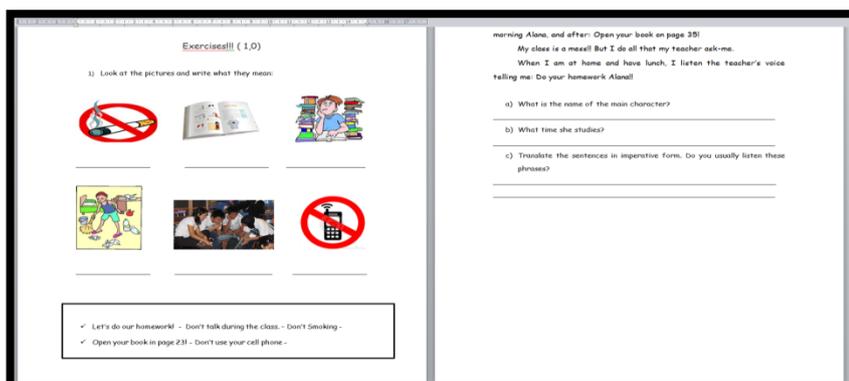


Figura IV: Aula 18/06/2014 Atividade sobre Imperative Form.

É bom ressaltar que nem todas as atividades proviam de imagens ou figuras, mas o uso delas em algumas atividades facilitaram a aprendizagem para atividades posteriores.

## 5.0 CONCLUSÃO

Ao longo deste estágio pôde-se concluir que o ensino de língua inglesa em uma sala inclusiva tem suas dificuldades, mas é possível trabalharmos de forma a unir os diferentes grupos de alunos.

O que observei durante o estágio é que os recursos tecnológicos bem como o uso de imagens facilitou sobremaneira o ensino da língua inglesa, os alunos ouvintes entendiam estas aulas como dinâmicas e se esforçavam em participar e responder as perguntas feitas por mim. Os alunos surdos demonstravam bastante interesse em ver as figuras e a intérprete fazia seu trabalho, juntos relacionamos as palavras às imagens e a Língua de Sinais.

Este estágio além de me proporcionar a reflexão da minha prática em sala de aula, me fazendo uma estagiária pesquisadora, também me possibilitou conhecer novos contextos, novas realidades e culturas as quais me proponho a estudar mais, ele também me levou a questionamentos e me fez enxergar as dificuldades de se realizar uma educação inclusiva.

Diante disso, vejo que muito deve ser feito em prol das escolas públicas inclusivas e as escolas, os pais dos alunos, a universidade e nós professores devemos nos engajar nessa luta, para que a educação de qualidade esteja ao alcance de toda a sociedade.

## 6.0 REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

**CARVALHO, R.A.M.** *Desafios do ensino da língua inglesa para surdos*. 2013.

**GESSER, A.** *Libras que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda* - São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

**JOSÉ, E.S. DE S.** *Necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de língua inglesa nos dias atuais*. Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011 e Literários do Curso de Letras-UNIFAP.

**LIMA, M. do S. C.** *Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola inclusiva*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 03- n.05 -2º Semestre de 2006ISSN 1807-5193.

**OLIVEIRA, A. M. R. ET AL. Como se forma o professor pesquisador? Primeiras aproximações a partir de um estudo de caso.** *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 293-311, jul./dez. 2010.

**PERLIN, G. Cultura surda e os intérpretes de língua de sinais.** *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.135-146, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

**PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. Estágio e Docência.** São Paulo. Cortez Editora. 2004.

**ROSA, L. V., ET AL. Aprendizagem de língua estrangeira: um direito do aluno surdo.** 2008.

**SILVA, C. M. de O. O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos.** Universidade de Brasília instituto de letras. Brasília – DF, Setembro de 2005.